# OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

| Preços da assignatura | Anno — 36 n.os | Semest. — 18 n.os | Trim. — 9 n.os | N.º á entrega |
|---|---|---|---|---|
| Portugal (franco de porte, m. forte) | 3$800 | 1$900 | $950 | $120 |
| Possessões ultramarinas (idem)... | 4$000 | 2$000 | —$— | —$— |
| Estrang. (união geral dos correios) | 5$000 | 2$500 | —$— | —$— |

12.º ANNO — VOLUME XII — N.º 379

1 DE JULHO DE 1889

REDACÇÃO—ATELIER DE GRAVURA—ADMINISTRAÇÃO

LISBOA L. DO POÇO NOVO, ENTRADA PELA T. DO CONVENTO DE JESUS, 4

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.


## CHRONICA OCCIDENTAL

Este anno o mez de junho foi quasi todo passado em dias santos!

Os dias santos são de ha muito a sua especialidade, mas d'esta vez, todos elles fugiram dos domingos — que foram cinco, nem menos — não houve accumulações de festevidades como em quasi todos os annos ha, e dest'arte o junho que acaba teve nem mais nem menos que dez dias santos! A terça parte do mez foi dedicada a festas e a descanço de trabalho com grande gaudio dos funccionarios publicos e de todos aquelles que vencem ao mez, com grande magoa e descontentamento de todos os que só ganham nos dias uteis e para quem o junho só teve 20 dias de ordenado.

Na ultima semana então os dias santos aggruparam-se como os foguetes em girandola final de fogo de artificio, e o mez de junho terminou por tres dias santos a seguir — Coração de Jesus, S. Pedro e Domingo.

Como é facil de adivinhar grande parte da população de Lisboa aproveitou avidamente esta serie de dias santos para sahir da cidade, para ir para o campo aproveitar os feriados de Lisboa e os divertimentos que lá se lhe offereciam.

Cintra, por exemplo, teve uma concorrencia enorme, e apezar dos dois descarrillamentos que ultimamente quasi que a seguir se deram n'esta linha, os comboyos que durante esses dias santos partiam d'hora a hora de Lisboa, transbordavam todos de passageiros.

E os comboyos do norte e leste tiveram tambem um movimento desusado; Braga, onde as festas de S. João foram deslumbrantes, Porto, Thomar, com a sua tradiccional festa dos Taboleiros, a Figueira com as suas festas a S. Pedro chamaram enorme concorrencia, e é preciso que a população de Lisboa seja enorme, como realmente hoje é, para depois de assim desfalcada por todos esses passeios, depois de ter dado milhares de pessoas para tanta parte, ter ainda a multidão enorme que no dia do Coração de Jesus atulhava todas as ruas por onde passou a procissão do Corpo de Deus, das Mercês.

E eram muitas essas ruas, porque o itinerario da procissão foi extraordinariamente extenso, abrangeu uma grande area: largo de Jesus, rua da Cruz dos Poyaes e rua de S. Marçal em toda a sua grande extensão, parte da rua da Escola Polytechnica, a praça do Principe Real, toda a antiga rua do Moinho de Vento, hoje rua de D. Pedro V, jardim de S. Pedro d'Alcantara, rua larga de S. Roque, praça de Camões, rua do Loreto, largo do Calhariz, calçada dos Paulistas e travessa do Convento de Jesus por onde voltou para a egreja.

Pois apesar d'este extenso itinerario e das ruas amplas, dos largos e praças por onde a procissão passou, a multidão em todas essas praças e ruas era enorme e compacta, e nos Paulistas, quando a procisão regressou á egreja, chegou a ser assustadora e a tomar por momentos o aspecto de um verdadeiro tumulto.

Essa affluencia extraordinaria do publico, o empenho com que se disputavam as janellas em todas as ruas do transito explicam-se pela fama tradicional d'essa procissão e ao mesmo tempo pela sua novidade, porque ha muitos annos que ella se não fazia.

Ha 11 annos que a procissão de Jesus se fez pela ultima vez, e tendo já um interregno de cinco annos.

A camada nova da população nunca a vira ou pouco se lembrava d'ella, a camada velha lembrava-se e queria vel-a outra vez, e d'ahi a bulha, a sensação, a curiosidade que se fez este anno em torno d'essa procissão, que a transformou n'um verdadeiro acontecimento de Lisboa.

E effectivamente a procissão de Jesus justificou toda essa curiosidade, toda essa bulha, porque como cortejo religioso é dos mais brilhantes e dos mais pittorescos.

Ha muita gente que a titulo de liberdade de pensamento pede ha tempos que sejam supprimidas as procissões e prohibidas todas as manifestações do culto externo.

N'uma scena comica muito engraçada que Eduardo Garrido imitou e que se representou em tempo com grande successo, o protogonista que era um *olho*, contava que uma vez dissera ao pae:

«Eu estou prompto a cazar com quem o papá quizer, comtanto que seja com a Francisca!

Muita gente entende a liberdade d'esta modo: para ella a liberdade é cada um pensar como quizer comquanto que seja o que ella pensa, a sua Francisca.

Querem ter o direito de festejar publicamente os seus heroes, mas querem que os outros festegem os seus á porta fe-

SUA EMINENCIA O CARDEAL PATRIARCHA DE LISBOA D. JOSÉ III

(Segundo photogra;...)

chada; querem ter a liberdade de passeiar triumphalmente pela cidade o busto de Camões que escreveu os Lusiadas, mas não querem que os catholicos passeiem a imagem de Jesus que dictou os evangelhos.

Ora eu, sem de forma alguma entrar aqui em discussões religiosas ou philosoficas, entendo a liberdade d'um modo inteiramente differente, quero que toda a gente tenha ampla e perfeita liberdade da expressão das suas idéas, das suas doutrinas, das suas opiniões e das suas sympathias; não quero que se prohiba aos livres pensadores o fazerem cortejos civicos em honra do marquez de Pombal que expulsou os jesuitas, como não quero que se prohiba aos jesuitas fazerem cortejos religiosos em honra de Santo Ignacio de Loyola que fundou a sua ordem; a liberdade de funil, essa liberdade que consiste apenas em nos fazermos o que nos appetece, prohibindo aos outros o fazerem o que lhes apraz, não a entendo nem nunca a entendi.

Mas não se trata d'isso aqui, trata se apenas de descrever a procissão de Jesus, como um acontecimento saliente da vida de Lisboa como um espectaculo publico que fez sensação.

E como espectaculo francamente essa procissão é d'um bello effeito e é de todas as procissões que actualmente se fazem em Lisboa a mais variada, a mais bonita e a mais pittoresca.

Vimol-a passar das janellas da redacção d'este jornal e o aspecto da procissão descendo a Calçada dos Paulistas, com os seus numerosos andores cheios de dourados e cobertos de flores e de rosas, com as suas longas irmandades com cores diversos e vistosas era verdadeiramente lindissimo. E entre as imagens dos santos havia algumas de bella esculptura e nos vestidos e mantos das imagens da Virgem tecidos bordados a ouro de grande riqueza e de alto valor artistico.

A irmandade dos pretos que conduzia os andores do Menino Salvador do Mundo, e da Fugida para o Egypto dava uma nota original e extranha no cortejo.

O andor de S. Marçal levado pela irmandade dos Bombeiros e o andor de Santo Antonio levado por uma irmandade toda composta de rapazes faziam tambem bello effeito.

A procissão ia em muito boa ordem e muito numerosa, e quasi todos os andores eram seguidos por uma philarmonica.

No coice da procissão ao descer os Paulistas seguia uma multidão enorme, e foi ahi ao chegar essa multidão em frente da travessa do Convento de Jesus que houve grande balburdia, atropellamentos, soccos e puxões: deve-se porem confessar que a policia n'esse local, apesar de grande numero de agentes, foi muito mal feita.

Na procissão dos Passos e na procissão da Saude prescindiu-se da cavallaria municipal e com excellentes resultados. N'esta procissão prescindiu-se tambem d'ella mas os resultados não foram os mesmos, porque faltou a dirigir a policia como n'aquellas duas procissões a dirigira com um grande trabalho e um grande bom senso, o sr. dr. Pedroso de Lima commissario da 2.ª divisão.

O sr. Pedroso de Lima n'essa hora, porem, estava de cama em resultado d'uma queda e a sua falta tornou-se muito sensivel.

Toda entregue a não deixar seguir o povo para o largo de Jesus — o que era bem entendido porque a municipal tinha que dar ali tres descargas, — a policia deixou transitar carruagens pela calçada, em todas as direcções, quando a multidão era ainda enorme: com as descargas os cavallos dos trens espantaram-se e d'ahi um alarido enorme, quedas, pancada, tumulto, o demonio. Emfim tudo serenou, a multidão foi dispersando pouco a pouco e assim acabou essa festa que alvoroçou toda Lisboa e que tão fallada foi nos jornaes.

Não queremos encerrar a chronica d'hoje sem registarmos aqui o esplendido banquete que a colonia brazileira residente em Lisboa offereceu no dia 27 de junho, no hotel de Bragança ao seu novo ministro o sr. barão de Aguiar d'Andrade.

Esse banquete foi uma festa brilhante de todo o ponto digna do distincto diplomata a quem era dedicada, e da illustre commissão que a offerecia.

Foi de 70 talheres o banquete e servido na sala grande do hotel de Bragança. A mesa estava elegantemente adornada com flores, e durante o jantar, n'uma sala contigua, tocou a charanga do corpo de marinheiros. Quando ás 7 horas e um quarto entrou o sr. barão d'Aguiar d'Andrade, tocou-se o hymno real brazileiro.

A sobremesa houve muitos brindes sendo o primeiro levantado pelo sr. conde de Franco como presidente da Beneficencia brazileira ao sr. barão d'Aguiar d'Andrade, que pela segunda vez representa o Brazil na nossa corte.

Respondeu-lhe o sr. barão d'Aguiar d'Andrade, que é um orador muito correcto e distincto brindando n'um bem feito discurso, ás relações entre Portugal e Brazil.

O sr. Mathias de Carvalho, nosso ministro em Roma, actualmente em Lisboa e que é ha muitos annos amigo intimo do illustre diplomata brazileiro, e que tambem fora convidado para o banquete brindou ao imperador do Brazil e á familia imperial brazileira.

Conheciamos muito de nome o sr. Mathias de Carvalho, mas nunca tinhamos tido o prazer de o ouvir fallar. É um orador perfeitamente moderno, elegante, fluente, d'uma simplicidade sympathica e o seu brinde muito breve foi conceituosissimo e eloquente.

O sr. ministro do Brazil respondeu brindando ao rei de Portugal e á familia real portugueza.

Houve muitos mais brindes aos srs. Vieira da Silva, Paulo Portalegre, Luiz Guimarães, conde de Franco, á imprensa portugueza, a que respondeu o sr. Brito Aranha, á Poesia portugueza, levantado por Luiz Guimarães, a familia do sr. barão d'Aguiar d'Andrade, á beneficencia brazileira do Porto, etc.

O jantar começou ás 7 horas e um quarto, e terminou depois das 10 horas da noite reinando sempre a maior animação e cordealidade.

Nos theatros de Lisboa ha apenas uma novidade: mas essa de primeira ordem — a companhia de zarzuella do theatro Apollo de Madrid no Colyseu.

Dizem-nos maravilhas d'essa companhia que traz á sua frente a 1.ª tiple Maria Montes, que passa em Hespanha por ser hoje a primeira no seu genero.

No Gymnasio está tambem funccionando ha dois dias uma companhia de zarzuela, e no meiado d'este mez estreia-se no theatro da rua dos Condes uma companhia franceza de opera comica.

Parabens aos que ficam em Lisboa.

*Gervasio Lobato.*

## AS NOSSAS GRAVURAS

### SUA EMINENCIA
### O CARDEAL PATRIARCHA DE LISBOA

SEU REGRESSO AO PATRIARCHADO

Regressa hoje á capital sua eminencia o cardeal patriarcha de Lisboa D. José III, depois da sua frustrada viagem que emprehendeu a Roma, e de que, conforme O OCCIDENTE noticiou na sua resenha de 21 de maio, lhe sobreveio um desastre, que poz em perigo a sua preciosa existencia, em Salamanca, indo de carruagem a qual se tombou, resultando d'este tombo sua eminencia fracturar um braço e a clavicula.

Para a chegada do virtuoso patriarcha a Lisboa projectam-se grandes manifestações de regosijo, alem das honras officiaes que lhe competem como principe, e nós, associando-nos a essas manifestações e na nossa missão de irmos illustrando a historia contemporanea, publicamos aqui o retrato do illustre cardeal que desde 1883 preside a este patriarchado e que antes de receber em Lisboa as mais significativas provas de apreço e sympathia que o povo lhe tributa, foi em Hespanha alvo das maiores distincções e affectos, tanto por parte do governo e clero do paiz visinho, como por parte do povo de Salamanca, onde sua eminencia permaneceu por mais de um mez.

O virtuoso chefe do patriarchado partiu de Lisboa no caminho de ferro, em principios de maio, com destino a Roma por via de Hespanha. Guardando rigoroso incognito, chegou a Salamanca onde descançou, mas n'esta cidade sobreveio-lhe o desastre a que nos referimos, o que o obrigou a deter-se, sendo primeiro recolhido em uma casa de saude, mas logo que ali se soube da sua alta gerarchia, foi mudado para o palacio episcopal, e desde esse momento principiou o enfermo a ser rodeado das maiores attenções e cuidados, pelo illustre bispo de Salamanca, o qual foi inexcedivel nos disvellos prestados ao prelado portuguez, o que muito concorreu para o bom resultado da cura.

Por mais de uma vez houve graves receios pela vida de sua eminencia, a quem o lamentavel desastre que soffreu, fez renovar antigos padecimentos originados pelo clima d'Africa quando ali esteve desempenhando o alto cargo de bispo de Angola, nos annos de 1880 a 1883.

Felizmente, porém, com o auxilio de Deos e dos distinctos medicos hespanhoes que o trataram, sua eminencia conseguiu restabelecer-se, e regressar a Portugal no meio das manifestações de regosijo que aguardam a sua chegada.

Antes do cardeal patriarcha partir de Salamanca, houveram ali grandes festas em sua honra, e no regresso a Portugal foi acompanhado pelo reverendo bispo de Salamanca e todo o cabido da diocese, governadores militar e civil e mais auctoridades.

Em Ciudad Rodrigo a gare estava adornada festivamente, e o prelado portuguez era esperado pelo reverendo bispo com o cabido, governador da praça, alcaide, camara municipal, juizes, mais auctoridades e grande concurso de povo.

Toda a guarnição militar em grande gala formava alas junto da estação e a praça salvou. Duas musicas tocaram os hymnos portuguez, hespanhol e pontifice.

Em seguida houve jantar de gala no palacio do bispo e á noite recepção official e sarau.

De manhã continuou a sua viagem em carruagem salão, que lhe foi obsequiosamente offerecida pela companhia dos caminhos de ferro de Hespanha, sendo acompanhado até á fronteira pelas auctoridades hespanholas e por uma força da guarda civil.

Da fronteira seguiu em outra carruagem salão, que a companhia dos caminhos de ferro portuguezes lhe offereceu, e chegou a Santarem no dia 22 ás 10 horas da noite.

Em Santarem houveram grandes manifestações de regosijo pela chegada de sua eminencia, e no dia 24 celebrou-se um *Te Deum* em acção de graças pelo seu restabelecimento e regresso ao patriarchado, solemnidade a que assistiram todas as auctoridades civis e militares, professorado, parochos e mais clero da cidade e todos os estudantes e lentes do seminario.

Terminado o *Te-Deum* dirigiram-se todos para o corredor nobre do seminario, transformado em salão vistosamente decorado, e ahi recebeu sua eminencia as felicitações de todas as pessoas presentes, fazendo o digno presidente da camara uma breve allocução dando as boas vindas ao illustre prelado em nome dos habitantes de Santarem, levantando-se n'essa occasião repetidas acclamações.

A' noite houve recepção e sarau no seminario a que assistiu a sociedade mais selecta de Santarem, tocando a charanga de artilheria e havendo concerto de violino e piano pelos distinctos amadores srs. tenente Aragão e reverendo padre Borges.

Sua eminencia deve dar hoje entrada em Lisboa, conforme dissemos no principio d'esta noticia, e para isso se prepararam grandes festas, promovidas por uma commissão do clero de Lisboa e moradores da freguezia de S. Vicente.

Esta mesma commissão foi a que enviou a Salamanca uma deputação a comprimentar o patriarcha de Lisboa, e agora prepara um solemne *Te Deum* na egreja de S. Domingos em acção de graças pelo restabelecimento e regresso a Lisboa do illustre prelado.

E' digno de todas estas manifestações o virtuoso patriarcha, e com quanto lhes sejam agradaveis as demonstracções de sympathia e respeito de que está sendo alvo, ellas commovem extraordinariamente o coração de sua eminencia que é naturalmente disposto á mais convicta humildade christã.

Todos os actos da vida do virtuoso prelado o attestam, e ainda agora, em Salamanca, deu boa prova d'isso no rigoroso incognito que guardou e que só o desastre que soffreu fez revelar indirectamente a sua gerarchia.

### AFRICA PORTUGUEZA

UMA PAIZAGEM NO VALLE DE BIBALLA

Não pode ser mais encantador esse pedaço de paizagem que se apresenta a nossos olhos na gravura que publicamos a pag. 149

Um quadro composto por mão de mestre, pelo supremo artista, e bem aproveitado pelo distincto photographo, o sr. Mornes, que possue a collecção mais completa e variada de vistas da Africa Occidental.

O valle de Biballa está situado a uma altitude de cerca de 700 metros acima do nivel do mar, proximo de Compangombe, e regado por pequenos ribeiros que vem da encosta da Chella.

E' uma região onde a natureza ostenta toda a opulencia da sua vegetação, mas apezar da ferti-

lidade d'este valle só uma pequena parte está cultivada, sendo duas as propriedades mais importantes que teem e que pertencem aos srs. Antonio da Costa Campos e Nestor José da Costa.

Ha n'estas propriedades grandes plantações de algodão e de canna de assucar, produzindo magnifica aguardente (cachassa) que é exportada para a Huilla e para o Lubango.

O valle de Biballa é, pela sua situação geographica, dos melhores pontos da Africa que se presta á colonisação europea, e porisso é de esperar que dado o desenvolvimento que as nossas colonias vão tomando, seja em breve a Biballa uma colonia importante.

## RUA DA JUDIARIA

Pede-me o director d'esta folha algumas indicações historicas como elucidação da gravura que representa uma parte da antiga rua da «Judiaria» em Alfama. Annuo com muito gosto, e direi rapidamente o que souber.

*
* *

Junto a algumas cidades mais importantes tinham nossos maiores as *Judarias*, ou *Judiarias*, e as *Mourarias*; recintos separados, e privativos para habitação dos Judeus e Mouros tolerados. D'esse uso da edade média restam em Lisboa vestigios claros no nome de duas serventias publicas.

A Mouraria (titulo que ainda hoje se conserva na rua que segue desde o Arco do Marquez de Alegrete, antiga Porta de S. Vicente, até á rua dos Cavalleiros) ficava de fóra da muralha erigida em 1375 por El-Rei D. Fernando; e assim succedia quasi sempre ás outras mourarias do Reino: eram de fóra das fortificações.

A Judiaria (nome que ainda hoje se mantem na rua que sobe desde o chamado Arco do Rosario até ao largo de S. Raphael) ficava de dentro da referida muralha; e o mesmo succedia quasi sempre com as outras judiarias do Reino: eram de dentro da area delimitada pelos muros.

Da Mouraria não se trata agora; cingir-me-hei ao assumpto do artigo.

Antes do tempo d'El-Rei D. Diniz, era o arruamento dos Judeus no sitio suburbano da Pedreira, extra-muros, entre o que veio a ser o Carmo, e o que veio a ser a Trindade. Concedendo esse soberano casas n'aquelle logar ao almirante Peçanha, declara ser alli *o terreiro da pedreira, hu moravam os Judeus.* [1]

Já n'esse tempo era a grande synagoga no bairro da Conceição, no sitio onde hoje vemos a egreja da Conceição velha. Havia porém já no seculo XV, e não sei desde quando, outra judiaria junto a S. Pedro de Alfama, mencionada n'um privilegio de 1457 passado por El-Rei D. Affonso V ao seu escrivão da fazenda João Vogado. E esta.

*
* *

Sobre os Judeus em Portugal pesou quasi sempre, com raros intervallos, toda a deshumana logica silvestre da intolerancia.

Seria longo e desagradavel recordar aqui as cruezas de que foram victimas esses pobres foragidos, estranhos nas proprias terras que os viam nascer, e expiando crimes phantasticos, que a imaginação popular lhes assacava com a ferina perversidade da ignorancia. E um sudario de lagrimas e sangue essa pagina da nossa historia.

Certamente; mas isso tudo, longe de ser exclusivo nosso, era imitação apenas do que lá fóra se dava tambem. Os povos christãos malhavam no Judeu como n'uma incude. E' correr as chronicas. O que fizeram El-Rei D. Fernando em Castella, e El-Rei D. Manuel em Portugal, no fim do seculo XV, perpetrara-o, já no seculo VII El-Rei Dagoberto em França. Depois veio Carlos Magno, e pensou de modo diametralmente opposto; mas Carlos Magno era um genio. Quem dirá que o reinado de S. Luiz foi para a raça hebréa o verdadeiro inferno! não valeram as suaves e celestes branduras da indole do filho de Branca de Castella, para precaver os Judeus das mais atrozes perseguições, e dos vexames mais crueis; a ponto, que a Santa Sé, sempre paternal, teve de intervir.

Em Portugal foi o mesmo.

Se por um lado o astucioso talento dos argentarios israelitas, a sua sagacidade natural, a sua indole soffredora, e a finura com que sabiam adaptar-se ao mando dos christãos, menos illustrados e muito supersticiosos, tinham conquistado a alguns Judeus logares conspicuos na sociedade portugueza; se, desde o fundador da Monarchia, até ao Venturoso, apparecem junto aos grandes, e no estrado dos proprios Monarchas, alguns Judeus occupando os cargos de astrologos, de physicos, de thesoureiros, de secretarios, ou de agentes, e providos sem differenças repugnantes, nos officios civis e politicos, o innegavel é que a maioria da raça proscripta, vergou em Portugal longos lapsos de tempo sob o pezo de uma hostilidade medonha, em nome da represalia religiosa. (A ignorancia do fanatismo conseguia reunir essas duas palavras, que hoje nos parecem inconciliaveis: represalias religiosas!)

Sequestrados nas Judiarias, cerradas com cadeias á hora do sino de colhêr, tributados desproporcionalmente, desirmanados dos Portuguezes perante a lei e os costumes, açoitados em pelourinho á mais leve reincidencia, tinham, ainda por cima, a obrigação opprobriosa de usar no trajo signaes distinctivos, que os extremassem do resto da sociedade: já *uma estrella de pano vermelho, de seis pernas, de grandura de quatro dedos,* cosida no hombro direito, tanto no pellote como na propria capa, segundo o alvará de 7 de Fevereiro de 1537; já *carapuça ou chapeu amarello,* sob pena de confiscação de bens, ainda segundo a Ordenação filippina. [1] Ora esses signaes parece que iam muito insensivelmente caindo a pouco e pouco em desuso, perante o protesto tacito do bom senso geral; baixaram por isso frequentes ordens avivando as leis, ao longo dos successivos reinados, desde o senhor D. Affonso IV até ao senhor D. João III e D. Filippe.

*
* *

Pagavam os Judeus ao fisco varios tributos, é claro, com que julgavam comprar a sua immunidade, perturbada sob o minimo pretexto. *Judengas* se chamavam essas extorsões não disfarçadas da rapinagem legal; trinta dinheiros symbolicos extorquiam os governos, por cabeça, aos que reputavam hereditariamente connivente na morte do Homem-Deus em Jerusalem!

> ..................... *os trinta*
> *dinheiros por que Deus fôra vendido* —

disse o nosso grande Camões.

Com a accumulação d'essas denominadas *sizas judengas*, perfaziam os exactores grosso cabedal, attento o avultado numero dos espoliados; por forma, que o Mestre d'Aviz, mãos largas como sempre foi para o homem de ferro a quem devia o throno, doou por carta de 20 de agosto de 1385 ao Condestavel D. Nuno, além de muitas terras de juro e herdade *o serviço Real dos Judeus da cidade de Lisboa e seu termo.* [2]

Esses rendimentos, doou-os o Condestavel a seu neto primogenito D. Affonso, Conde de Ourem, em carta de 4 de Abril de 1422. [3] Ainda em 6 de Agosto de 1462 os possuia o Duque de Bragança D. Fernando I, e n'essa data os comprommettia elle para pagamento de certas clausulas do dote de sua filha D. Brites, quando a mesma senhora casou com D. Pedro de Menezes, Conde de Villa-Real. [5]

*
* *

Trinta e quatro annos decorridos, tramava-se nos conselhos d'El-Rei D. Manuel um acto, que á nossa luz moderna parece o cumulo da perversidade. Digo «á nossa luz», porque a imparcialidade exige que se não attribua somente á malvadez de homens que não eram malvados o que algumas, ou muitas, causas occultas deviam ter, se não justificado plenamente, ao menos explicado.

Fosse ou não fosse pressão exercida no animo do Rei pelo exemplo de Castella; fosse, ou não fosse, perigosa a influencia surda dos judeus na crença e nos costumes dos Christãos; entrasse ou não, como preço no ajuste, o sorriso da formosa viuva do Principe Affonso: o certo é que em Dezembro de 1496 se assentou *que os Judeus se fossem do regno com suas molheres e filhos, e bens,* e os Mouros pelo mesmo modo (palavras de Damião de Goes.) [6]

Expulsos os Judeus, por uma violencia cuja execução é das coisas mais brutaes e hediondas que se teem perpetrado no mundo, ficaram *ipso facto* os Duques de Bragança esbulhados de direitos e rendimentos antigos, como senhores que eram, desde o Condestavel, dos redditos da Judiaria de Lisboa. Pediu o Duque D. Jayme a El-Rei compensação de tal perda; e em carta de 2 de Agosto de 1499 lhe concedeu o senhor D. Manuel, que, do 1.º de Janeiro d'esse anno em diante possuisse a casa ducal a dizima dos pescados que até então se cobravam por conta real na portagem. [7]

Desde 1496 ficou pois deserta a Judiaria, que era na velha Lisboa o que em Roma, desde os dias do Santo Padre Paulo IV, era o *Ghetto*, em Veneza a *Giudecca*, e em França as *Juiveries*.

*
* *

O que hoje chamamos officialmente «Rua da Judiaria» deve ser apenas uma pequena parte do fragmento lisbonense occupado pelos Judeus até ao fim do seculo XV. E' uma travessa mesquinha, que sobe da Ribeira, isto é, da actual rua do Terreiro do Trigo (o antigo Campo da lã) para o largo de S. Raphael.

Sobre a rua do Terreiro emboca a Judiaria n'um arco, chamado do Rosario por causa de uma ermida (profanada) de Nossa Senhora do Rosario, que ahi houve, e cuja frontaria, desprovida da antiga escada, e, por assim dizer, suspensa no ar, ainda lá vemos.

Era este Arco do Rosario um dos postigos da cerca valentissima, com que Lisboa se cingiu no seculo XIV. Em frente corria-lhe a praia do Tejo com os seus *espalmadeiros*, a nossa praia velha, tão pittoresca, e sempre enculhada de felucas, saveiros, bateis e caravellas, a praia primitiva, que os successivos aterros ampliaram por feitio tal, que, já no seculo XVI, era o vasto estendal de comestiveis tão bem descripto por Nicolau de Oliveira.

Pela sua parte superior, toca a rua da Judiaria n'uma das torres da muralha, monumento veneravel que ainda lá está, e era um dos bastiões da porta de S. Pedro. Em frente d'esta porta, que pertencia á cerca dos Mouros de Lissiboua, erguia-se desde 1344 a egreja parochial de S. Pedro de Alfama (d'onde a porta tomou nome), templo aluido em 1755, e hoje disfarçado em casas, com quanto se perceba ainda muito bem o logar da portada principal.

Tem a vetusta rua da Judiaria uma feição pronunciadamente archaica; e o seu principal brazão é a altissima muralha de cantaria de uma casa grande á esquerda de quem sobe, casa cuja frente dá sobre a rua de S. João da Praça, e que julgo ser a do citado João Vogado, escrivão da fazenda d'El-Rei D. Affonso V. Esse predio, nobre e acastellado, com todo o ar de verdadeiro palacio, occupava, segundo o mencionado privilegio de 1457, o terreno que ia *da porta da Barreira até á torre de S. Pedro, que é,* (diz o documento muito bem) *sobre a Judiaria de Alfama.* [8]

O que fosse a porta da Barreira não sei eu; talvez nome antigo d'esse postigo do Rosario. A torre de S. Pedro, acabo de a mostrar.

D'esta face posterior do predio, representada na gravura, e flanqueada de gigante coroado de varanda com cachorros, como as bésteiras das torres militares, devia gosar-se esplendidissima vista do Tejo. João Vogado (se foi elle) escolheu bem.

*
* *

O mais que teria que dizer no assumpto não cabe n'um artigo fugitivo como este. Paro pois aqui para não abusar da bondade dos leitores do OCCIDENTE, e para que não digam que estive *judiando* com a paciencia de quem tem outros artigos que lêr.

*Quinta de S. Bento*
*Olivaes* — *Julio de Castilho.*
27 de Maio de 1889.

## EXPOSIÇÃO UNIVERSAL DE PARIS DE 1889

### OS ENGENHEIROS QUE PLANEARAM E DIRIGIRAM OS TRABALHOS

II

Antes de proseguirmos na descripção rapida da exposição, devemos dedicar algumas linhas aos engenheiros que tomaram parte nos trabalhos e

[1] Mon. Lusit, T. VI, pag. 17.

[1] L. V, Tit. 94.
[2] Hist. gen. — Prov. — T. III, pag. 516.
[3] Hist. gen. — Prov. — T. IV, pag. 22.
[5] Hist. gen. — Prov. — T. III, pag. 581.
[6] Chron. d'El-Rei D. Manuel. — P.e I, cap. XVIII.

[7] Hist. gen. — Prov. — T. IV, pag. 25, 26 e 27.
[8] Mon. Lusit. — T. VI, pag. 17.

direcção das differentes construcções que se fizeram no Campo de Marte, e que tão notavelmente se desempenharam d'aquella difficil commissão, conseguindo verdadeiros prodigios, que fazem a admiração de quantos visitam n'este tempo Paris.

Alexandre Gustavo Eiffel, auctor da gigantesca torre que domina toda a exposição, é o que naturalmente primeiro se nos impõe, porque a originalidade e audacia da sua obra é tambem o que primeiro nos impressiona, mesmo antes de entrarmos no recinto da exposição.

importava um grande passo dado n'este genero de construcções, que elle resolveu brilhantemente e a respeito de que publicou uma memoria.

Construiu depois, em 1868, os viaductos sobre pilares de ferro na linha ferrea de Commentry, obra notabilissima, a que se seguiram muitas outras em França e no estrangeiro, incluindo as que fez em Portugal, como a ponte *Maria Pia*, sobre o Douro, a de Vianna do Castello, etc.

A exposição universal de Paris de 1878 tambem lhe deveu parte das suas obras, pois a fachada

Eiffel teve por auxiliares na direcção da sua grande obra o engenheiro Mr. Adolpho Salles, marselhes de 31 annos de idade, e que em 1886 cazou com uma filha de Eiffel, ficando desde essa data ligado ao notavel engenheiro, tomando parte nos trabalhos das suas officinas e sendo agora encarregado de dirigir parte dos trabalhos na torre, muito principalmente as instalações.

Mr. João Compagnon, um constructor que é chefe das construcções da casa Eiffel desde 1880, e que tomou parte nos trabalhos da exposição de

A RUA DA JUDIARIA, NO VELHO BAIRRO D'ALFAMA

(Desenho do natural por J. R. Christino)

O celebre engenheiro nasceu em Dijon em 1831 e aos vinte annos de idade apenas, concluiu com distincção o seu curso na Escola das Artes e Manufacturas.

O primeiro trabalho em que principiou a revelar a sua grande aptidão pratica, foi na construcção de uma ponte metalica em Bordeaux em que collaborou, na qualidade de chefe dos constructores d'essa obra.

A esta ponte seguiram-se outras em Bayona, Nive, Florac e Capdenac.

Na exposição de Paris de 1867 foi encarregado de varios trabalhos, sendo um dos mais importantes o dos arcos da galeria das machinas, que

principal e o pavilhão da cidade de Paris foram planeados e dirigidos por elle.

Na Hungria encontra-se a grande ponte de Szegedin, e a de Gorabit, no Cantal, que são obras suas. A *gare* de Pest, a grande cupula do observatorio de Nice, e os formidaveis diques que hão de reunir o Atlantico e o Pacifico ao Canal do Panamá, tambem são obras de Eiffel, e como se não bastassem tantas obras notaveis para affirmarem a extraordinaria actividade e o grande talento do celebre engenheiro, aprezenta ainda a assombrosa construcção da torre Eiffel que é o mais arrojado emprehendimento da engenharia do nosso seculo.

Paris de 1855.

Foi quem dirigiu a construcção da ponte *Maria Pia*, e agora a da torre Eiffel sob as ordens do seu auctor. Tem 51 annos e uma longa pratica reunida ao estudo theorico que adquiriu no Conservatorio d'Artes e Officios, de que frequentou as aulas nocturnas, trabalhando de dia pelo seu officio de carpinteiro.

Compagnon é hoje o estimado ajudante de Eiffel a quem elle confia a direcção das suas obras.

M. Carlos Adolpho Alphand de quem publicamos o retrato a pag. 152, é o director geral das construcções que se fizeram na exposição, traba-

UMA PAISAGEM NO VALLE DE BIBALLA

(Segundo photographia de Moraes)

lho em que empregou a maior actividade apesar dos seus sessenta e sete annos.

Nasceu em Grenoble a 26 de Outubro de 1817, e de 1837 a 1848 cursou os estudos na escola Polytechnica e na de Pontes e Calçadas onde fez o seu curso de engenheiro civil.

Foi depois para Bordeaux empregado nas obras publicas, e ali se conservou até 1854, em que o governo o chamou a Paris para o encarregar da direcção technica das obras de embellesamento da capital da França.

Teve successivamente a seu cargo a direcção dos passeios e plantações dos bosques de Bologne e de Vincennes, que transformou completamente em magnificos parques. As colinas de Chaumont e os campos Elyseus tambem soffreram grandes transformações, e por todo o Paris se fizeram sentir os effeitos da sua intelligente direcção, operando os grandes aformoseamentos que hoje se admiram na moderna Babylonia que nos apresenta formosos jardins, pontes e edificios monumentaes, onde impera a arte e o bom gosto inexcidivel. M. Alphand foi encarregado, em 1867, de dirigir os trabalhos de nivelamento do Trocadero e Campo de Marte, onde se effectuou a exposição universal d'aquelle anno.

Apesar de ser engenheiro civil, isso não impedio de o encarregarem dos trabalhos de fortificação de Paris e de organisar um corpo de engenheiros auxiliares para a defeza das cercanias das praças fortificadas.

Depois da guerra de 1870, o governo de Thiers nomeou-o director das obras publicas de Paris, e o seu primeiro cuidado foi fazer desapparecer os destroços que o cerco deixou na cidade, repovoando o grande bosque de Bologne com arvores arrancadas dos bosques de Fontainebleau e de Senart.

Os grandes jardins da exposição de 1878 foram feitos sob a sua direcção e segundo os seus projectos, e muitas outras commissões de serviço publico provaram cabalmente a sua grande competencia.

Fez parte do conselho municipal de Bordeaux e Gironde. Em 1875 foi nomeado inspector geral das pontes e calçadas. E' cavalleiro da Legião de Honra e condecorado com varias ordens estrangeiras.

A intellegencia com que dirigiu os trabalhos da exposição actual é a prova mais brilhante do seu talento e saber.

Devemos ainda mencionar Mr. Berger, notavel engenheiro que reune á sua sciencia um aprimorado gosto artistico, e a quem a imprensa parisiense faz os mais justos elogios, attribuindo-lhe o magnifico resultado da exposição pela intelligencia e superior gosto com que dirigio a disposição e conjuncto das edificações que se vêem no Campo de Marte.

Mr. Berger, nasceu em 1834 e cursou com raro talento os estudos de engenheiro de minas, de cuja corporação é inspector de primeira classe.

E' redactor scientifico do *Journal des Debats*, logar que desempenha com muita distincção. Na Escola de Bellas Artes é supplente de M. Taine na cadeira de Estetica, e em 1881 dirigiu os trabalhos de instalação da exposição de electricidade em Paris, encargo de que se desempenhou brilhantemente.

Na exposição de Paris de 1878, tambem dirigiu a construcção de alguns pavilhões estrangeiros, com muita arte e gosto, mas na actual exposição é que o seu talento mais se affirmou, alem do zelo inexcidivel que empregou em concorrer para o grande triumpho que a Exposição de 1889 acaba de alcançar.

*A. da Silva.*

---

## O ESCARAVELHO DE OURO

### CONTO DE EDGAR POE

(Conclusão)

Resta-me apenas dar-lhe a traducção completa do documento. Eil-a:

«*A good glass in the bishop's hostel in the devil's seat forty-one degrees and thirteen minutes northeast and by northmain branch seventh limb east side shoot from the left eye of the death's-head a bee line from th tree through the shot fifty feet out.*»

(Um bom vidro no hotel do bispo na cadeira do diabo quarenta e um graus e treze minutos nordeste quarta norte principal tronco setimo ramo lado leste solte do olho esquerdo da caveira uma linha de abelha da arvore através da bala cincoenta pés ao largo.)

«Mas, disse eu, não me parece que o enigma esteja em melhores condições que antes. Como é possivel formar um sentido de toda essa giria de *cadeira do diabo, caveira e hotel do bispo?*

«Confesso, replicou Legrand, que o negocio, olhado de relance, não deixa de apresentar um aspecto bastante serio. O meu primeiro cuidado foi procurar na phrase as divisões naturaes que estavam na imaginação de quem as escreveu.

«Refere-se provavelmente á pontuação...

«Por ahi anda.

«Mas como conseguiu isso?

«Reflecti que o escriptor se proposera traçar as suas palavras sem divisão alguma, crendo assim tornar mais difficil a solução. Por consequencia, um homem que não seja extremamente perspicaz, estará sempre disposto em semelhante tentativa a ultrapassar as barreiras. Quando no curso da sua composição chega a uma interrupção de sentido que pediria naturalmente uma pausa ou um ponto, está fatalmente obrigado a apertar os caracteres mais que de costume. Examine o manuscripto, e facilmente descobrirá cinco passagens d'este genero em que ha por assim dizer agglomeração de caracteres. Guiando-me por este indicio, estabeleci a seguinte divisão:

«*A good glass in the bishop's hostel in the devil's seat — forty-one degrees and thirteen minutes — northeast and by north — main branch seventh limb east side — shoot from the left eye of the death's head a bee — line from the tree through the shot fifty feet out.*»

(Um bom vidro no hotel do bispo na cadeira do diabo — quarenta e um graus e treze minutos nordeste quarta norte — principal tronco setimo ramo lado leste — solte do olho esquerdo da caveira — uma linha de abelha da arvore através da bala cincoenta pés ao largo.)

«Apesar d'essa divisão, disse eu, continuo ás escuras.

«Eu mesmo por muitos dias nada pude ver, tornou Legrand. Durante este tempo indaguei da gente da ilha de Sullivan acerca de um edificio que devia chamar-se Hotel do Bispo; a palavra obsoleta *hostel* pouco cuidado me dava. Não achando indicio algum sobre este ponto, estava disposto a alargar a esphera das minhas investigações e proceder de modo mais systematico, quando uma manhã me occorreu repentinamente que este *Bishop's Hostel* podia muito bem ter alguma relação com uma velha familia do nome de Bessop, que de tempo immemorial estava na posse de um antigo solar cerca de umas quatro milhas ao norte da ilha. Dirigi-me pois á plantação, e interroguei largamente os pretos velhos do sitio. Afinal, uma das mulheres mais edosas disse-me que ouvira falar de um local como *Bessop's Castle*, e que lhe parecia que me poderia alli conduzir, mas que não era nem castello, nem casa, e sim um grande penedo.

«Prometti pagar-lhe o incommodo; e depois de alguma hesitação, resolveu-se a acompanhar-me ao logar indicado. Descobrimol-o sem grande difficuldade; despedi a mulher e comecei a examinal-o. O *castello* consistia n'um conjuncto irregular de picos, e rochas; d'estas ultimas uma era tão notavel pela altura como pelo isolamento e apparencia quasi artificial. Trepei até o cimo, mas ao chegar ahi senti-me deveras embaraçado, sem saber o que devia fazer.

«Em quanto reflectia, dei com os olhos n'uma pequena saliencia do lado oriental da rocha, cerca de uma jarda abaixo do ponto em que eu me achava. Esta saliencia tinha umas dezoito pollegadas de extensão, e um pé pouco mais ou menos de largura; um nicho que lhe ficava por cima, dava-lhe uma grosseira semelhança com as cadeiras de espaldar concavo de que se serviam os nossos avós. Não duvidei de que isto fosse a *cadeira do diabo*, a que se alludia no manuscripto, e desde logo me pareceu que possuia a chave do enigma.

O *bom vidro*, sabia-o eu, não podia significar outra cousa senão um oculo de grande alcance, porque os nossos marinheiros raramente empregam a palavra *glass* n'outro sentido. Conclui que era necessario empregar um oculo, n'um determinado ponto de vista, que *não admittisse variação*. E assim não hesitei um momento em crer que as phrases *quarenta e um graus e treze minutos*, e *nordeste quarta norte*, deviam dar a direcção para assestar o oculo. Deveras impressionado por este descobrimento, corri a casa, peguei n'um oculo, e voltei ao penedo.

Deixando-me escorregar até á cornija, notei que só podia sentar-me n'uma certa posição. Isto confirmou a minha conjectura. Naturalmente os *quarenta e um graus e treze minutos* só podiam referir-se á elevação sobre o horizonte sensivel, visto como a direcção horizontal estava claramente indicada pelas palavras *nordeste quarta norte*. Estabeleci esta direcção com uma bussola de algibeira; depois apontando, o mais justamente possivel por approximação, o oculo a um angulo de quarenta e um graus de elevação, movi-o cautelosamente de cima para baixo e de baixo para cima, até que me prendeu a attenção um vão ou abertura na folhagem de uma grande arvore que dominava todas que se avistavam. No fundo d'este vão descobri um ponto branco, mas não pude logo distinguir o que era. Ajustei bem o oculo, affirmei-me, e afinal convenci-me de que era um craneo humano.

«Feito este descobrimento, cessaram para mim todas as duvidas; a phrase *principal tronco, setimo ramo, lado leste* só podia referir-se á posição do craneo na arvore, e o *solte do olho esquerdo da caveira* tambem só uma interpretação podia ter, visto como se tractava da busca de um thesouro enterrado. Comprehendi que era necessario deixar cahir uma bala do olho esquerdo da caveira, e que uma linha de abelha ou, por outras palavras, uma linha recta, partindo do ponto mais proximo do tronco e extendendo-se *através da bala*, isto é, através do ponto onde cahisse a bala, indicaria o logar preciso, onde suppoz muito possivel achar-se escondido um thesouro de valor incalculavel.

«Tudo isso, observei eu, é extremamente claro, e ao mesmo tempo engenhoso, simples e explicito. Que fez então quando deixou o *Hotel do Bispo?*

«Depois de examinar com todo o cuidado a arvore, a sua forma, a sua posição, voltei para casa. No momento em que deixei a *cadeira do diabo*, o vão circular desappareceu, e por mais voltas que dei não me foi possivel tornal-o a avistar. Este facto pareceu-me ser a obra prima do engenho em todo este negocio, porque repeti a experiencia e convenci-me de que é um facto que a abertura circular em questão só é visivel de um ponto, e este unico ponto de vista é a estreita cornija no flanco da rocha.

«N'esta expedição ao *Hotel do Bispo* fôra acompanhado por Jupiter, que sem duvida observava, havia algumas semanas, a minha preoccupação, e tinha todo o cuidado em me não deixar só. Mas no dia seguinte levantei-me muito cedo, logrei escapar-me e corri pelas montanhas á procura da arvore. Achei-a, mas custou-me muito trabalho. Quando cheguei a casa á noite, dispunha-se o meu creado a dar-me uma sova de pau. Do resto da aventura está o meu amigo tão inteirado como eu.

«Supponho, disse eu, que nas primeiras escavações que fizemos, errámos o sitio por causa da asneira de Jupiter, que deixou cahir o escaravelho pelo olho direito da caveira em logar de o enfiar pelo esquerdo.»

«Exactamente; esse equivoco dava logar a uma differença de cerca de duas pollegadas e meia relativamente á *bala*, isto é, á posição da estaca perto da arvore; se o thesouro estivesse enterrado no sitio marcado pela bala, o erro não teria importancia; mas a bala e o ponto mais proximo da arvore eram dois pontos que serviam apenas para estabelecer uma linha de direcção; naturalmente o erro, a principio muito pequeno, augmentava na proporção do comprimento da linha, e quando chegámos a uma distancia de cincoenta pés, haviamo-nos perdido completamente.»

«Mas a sua emphase, as posições que tomava, balanceando o escaravelho, eram realmente extraordinarias! Eu cheguei a julgal-o doudo varrido. E porque quiz deixar cahir do craneo o insecto em logar de uma bala?»

«Serei franco, meu amigo: confesso-lhe que me sentia um pouco vexado pelas suas suspeitas relativas ao estado do meu espirito, e resolvi castigal-o serenamente, a meu modo, com uma pequena *mystificação*. E por isso balanceava o escaravelho e quiz que elle cahisse do alto da arvore. A observação que me fez de que elle pesava muito, suggeriu-me esta ultima idéa.»

«Comprehendo perfeitamente; e agora só uma cousa me dá que pensar. Que me diz dos esqueletos encontrados na cova?»

«Essa é uma pergunta a que me não julgo mais habilitado que o meu amigo a responder. Só vejo uma maneira plausivel de a explicar, e a minha hypothese implica uma tal atrocidade que me repugna crel-a. É claro que Kidd, se foi Kidd quem enterrou o thesouro, o que para mim não tem a menor duvida, é claro que elle teve quem o ajudasse no trabalho. Mas quando o concluiu, teve por conveniente fazer desapparecer todos os que participavam do seu segredo. Duas enxadadas bastaram talvez, em quanto os seus ajudantes

estavam na cova... e d'ahi talvez fosse uma duzia — quem poderá dizel-o?

*Francisco de Almeida*

## BOHEMIA ESPIRITUOSA

Foi em Coimbra. Anthero de Quental,
Então bem moço, estava um dia em casa,
Com outros. Assembléa original!
Havia graça, dictos, golpes d'aza,
Essa alegria que só teem os novos,
Quando não scismam em reger os povos,
Como, desde menino, o senhor Hintze,
Que inda em cueiros, disse: — «O povo... fin-
te-se!»
Mas adeante. Era esplendido o cavaco.
Vestia Anthero um velho e mau casaco,
Com a manga direita que era um trapo,
E mais nodoas que um sujo guardanapo.
Anthero começou, patuscamente,
A declamar um improviso ardente,
No qual elle, philosopho e poeta,
Gabava as suas perfeições d'athleta;
E troçava do physico dos outros,
Que estavam sobre potros.
Quero dizer que estavam n'um supplicio,
E não alludo ao hippico exercicio.
Estava lá o Eça de Queiroz,
Magro, anguloso, ironico; e feroz
D'ouvir o bom Anthero,
Que os fustigava a todos n'um tom fero.
Eça escutava, com seu gesto adunco
De sarcasta,
Que vergasta
Como um junco,
Ou bem como um jaguar, que no pé da toca
Está, para assaltar a presa — á coca.
Arregaçando a manga, e retesando
Os seus valentes musculos,
Por fim Anthero exclama
Para o silente bando:
— «Olá! *typos* rachiticos! minusculos!
Este braço, que um sangue ardente inflamma,
Este possante braço,
Por successivos, nobres *avatares*,
Transmigrações com vezes seculares,
Vem, através dos tempos e do espaço,
Da forte raça que baixou do Iram!...
Com Alexandre, elle venceu Dario,
E derrotou o rei das Indias, Poro.
Mais tarde, o sangue dos fieis do Islam,
Que derramou, foi mais que um grande rio!
Suu um bravo suor por cada poro!
Onde esgrimiu, fez logo um rubro lago!
Foi, com Annibal, o terror de Italia.
Com Scipião, anniquilou Carthago.
Venceu, com Julio Cesar, em Pharsalia
Nunca tremeu de medo,
Só da febre do Bem!
Junto de Godofredo
Fez mil prodigios em Jerusalem.
Sabei, raça de párias!
Que este sublime braço,
Sempre a luctar, sem tréguas, nunca lasso,
Descende, em linha recta, d'esses Aryas
Que derrotaram os titães de Lanka!
Braço que esmaga! braço que desanca!
Mas que protege, que remiu Sitá,
E que apesar de Helena ser tão má,
Tambem luctou para a arrancar a Páris.
Braço que defendeu, e que feriu,
Mas que jámais se abriu
Para as molles delicias de Sybaris!...
Em summa, um braço que, por atavismo,
Resume dez mil annos de heroismo!»

Diz o Queiroz, com ar de quem não manga:
— «Bem se vê... pela manga!»

Lisboa *Fernando Leal.*

## A COMEDIA DA VIDA

### O ROMANCE D'UM AMANUENSE

#### XVI

— Então? gritou elle, cá de longe, ancioso ao avistar sua irmã.

— Então, nada! respondeu esta desapontada e cançadissima.

— Nada?

— Vim na mesma.

— Mas não te explicaram... O que te disseram?

— Nada, respondeu pela segunda vez a Emilinhas, laconicamente, pois a pressa com que viera e a estafa que apanhára não a deixavam ainda ser mais explicita.

Mas o Quim estava sobre brazas e sem fazer caso da canceira que cortava a respiração de sua irmã, que mal a deixava fallar, continuou implacavel, o seu interrogatorio:

— São da Alice as cartas? Ambas ellas? O que querem dizer? É uma brincadeira de mau gosto? É a serio?

— Não sei, homem, tornou enfadada a Emilinhas, não sei nada... deixa-me descançar, credo!

— Mas... ao menos dize-me...

— Não te digo nada! não estava lá ninguem!

— Ah! Então não lhe fallaste?

— Já se vê que não.

— Nem á mãe, nem á filha?

— Nem a uma nem a outra.

— Nem ás irmãs?

— A ninguem! Tinham sahido todos!

— Para onde?

— Não sei...

— Mas não estava ninguem em casa?

— Estava só a criada.

— E não fallaste com ella?

— Fallei.

— E o que te disse?

— Que tinham sahido momentos antes de eu chegar.

— É sempre assim. Tu provavelmente demoraste-te pelo caminho... Foste com o teu ripanso...

— Fui, bem se vê que fui; ainda mal posso fallar, e fui com o meu ripanso! Ora não ha! Dos mal agradecidos está o inferno cheio.

— Tens razão, desculpa, supplicou o Quim arrependido, manso como um cordeiro, mas é que estou tão nervoso, tão impaciente por saber noticias, tão intrigado com todo isto...

— Tambem eu estou intrigadissima, se o não estivesse não teria dado esta caminhada, podes crer.

— E pela criada não podeste saber alguma coisa?

— Não. Eu bem lhe puchei pela lingua, mas não deu nada; só o que soube é que foi por causa da Alice que sahiram.

— Por causa da Alice?

— Sim, disse-me a criada que a Alice tinha já tido hoje dois ataques de nervos, que tem estado muito adoentada e tanto que se viram obrigados n'um d'esses ataques, a mandar chamar o medico, e que o medico é que a mandára sahir para tomar ar, para se distrahir, para ver se lhe abrandavam os nervos...

A esta noticia que lhe dava sua irmã o Quim fez-se pallido.

— Mas porque seria isso? perguntou.

— Eu sei lá!

— Ella não é atreita a esses ataques de nervos?

— Não; pelo menos se é nunca ouvi fallar em tal.

— Querem vocês ver que isso, tem relação com as cartas! disse o Quim, imaginando encontrar um filão...

— Isso é que pode muito bem ser.

— É com certeza; mas falta saber uma coisa.

— O que?

— Se as cartas foram motivadas pelos ataques de nervos, ou se os ataques de nervos é que foram motivados pela mesma causa que motivou as cartas?

— Vão lá advinhal-o! disse a Emilinhas.

Mas depois assustada pela pallidez de seu irmão pela estranha expressão de indizivel terror que se lhe lia nas suas feições decompostas e transtornadas, teve dó d'elle, e para o socegar opinou:

— Naturalmente foram os ataques que motivaram as cartas; perdeu a cabeça e escreveu-as n'um momento de allucinação nervosa. É o que foi; escusamos de estar a parafusar mais n'isso: essas cartas no fim de contas não querem dizer nada, são filhas d'um estado de desarranjo de cabeça, d'uma especie de loucura.

Quim sorriu muito ao principio com essa explicação, mas infelizmente teve logo que a repellir:

— Isso não pode ser!

— Não pode ser porque?

— Porque ninguem me tira da cabeça que a visita da D. Ephygenia, e as palavras disparatadas que ella me disse teem relação com essas cartas.

— A visita da D. Ephygenia? perguntou a Emilinhas muito admirada porque ainda não lhe tinham fallado n'isso.

— Sim, a D. Ephygenia veio cá procurar-te...

— A mim?

— Sim!

— E tu não lhe fallaste?

— Ia para lhe fallar, porem ella apenas me viu começou a gritar: «Assassino! Vampiro! Algoz!» e deitou a correr pela porta fóra.

— Essa é singular! disse a Emilinhas estupefacta.

E ficou um pedaço callada, a scismar emquanto seu irmão lhe contou por miudos a extraordinaria visita que lhe fizera a mãe do Dominguinhos.

E depois de ouvir e remoer, a Emilinhas poz-se em pé resoluta.

— Eu venho já! disse ella.

— Onde vaes agora?

— Vou a casa do Pereira ver o que me quer a D. Ephygenia.

— Sim, sim... talvez por ahi possamos saber...

— O peior é que d'aqui a pedaço anoitece, e com quem hei de eu vir para casa?

— Vou eu comtigo.

— Isso não; ella fugiu de ti cá em casa. Já se vê que a coisa é comtigo.

— Tens razão...; mas então vou-te esperar.

— Onde?

— Combinemos um sitio.

— Nas raparigas dos bolos, na rua do ouro?

— Está combinado: em sendo noitinha estou lá.

— E Deus queira que seja mais feliz n'esta minha expedição do que fui na outra. Até logo. E a Emilinhas, um bocadinho por dedicação pelo mano, e um bocadão por causa da enorme curiosidade que já a devorava pela decifração d'esse caso mysterioso tornou a sahir, sem se importar já com a estafa que apanhára, lepida e fresca.

O Quim comprehendendo a fineza que sua irmã lhe fazia em se estafar assim por sua causa, quiz pagar-lhe essa amabilidade fraternal por um acto de deferencia sympathica, e foi vel-a á janella.

E só se metteu para dentro quando a Emilinhas dobrou a esquina da rua das Olarias.

#### XVII

Quando começou a ser lusco fusco, o Quim vestiu o seu casaco, accendeu uma vela de stearina para fazer ao espelho a sua toilette, depois accendeu um charuto, apagou a vella e encaminhou-se para a porta da rua, já de chapeu na cabeça a começando a calçar as luvas.

Elle a approximar-se da porta e a campainha puchada violentamente por mão possante a dar uma campainhada de portão de quinta que o fez dar um pulo.

— Querem ver que é outra vez a D. Ephygenia! pensou elle, a quem a mãe do Dominguinhos nunca mais se tirára da cabeça.

A criada veiu lá de dentro muito depressa ao toque.

— Veja quem é, ordenou elle recuando um pouco.

— Quem é? perguntou a criada.

— Abra, sou eu, disse de fora uma voz trovejante.

— Quem é o senhor?

— Sou o visinho cá de baixo, o major Rodrigues.

— O major Rodrigues! repetiu comsigo o Quim. Mau! temos mais massadas.

— Está em casa o sr. Barradas? perguntou pela cancella o major.

— O que mais me quererá esse homem! disse com os seus botões o Quim.

— Está... respondeu a criada.

O Quim puchou-lhe pela manga, dizendo-lhe que não com a cabeça.

— Não está, emendou logo a criada.

— Está ou não está? perguntou irritado lá de fóra o major? então isto é caçoada?

— Não está, respondeu muito terminantemente a criada.

Mas o Quim pensando melhor e tendo medo que o major percebesse que elle estava em casa e se negava e isso complicasse a situação, puchou-lhe de novo pela manga, dizendo-lhe com a cabeça que sim.

— Está, sim senhor, emendou logo a criada, abrindo a cancella.

— Que diabo de historia é esta? Não está, está... vociferou o major entrando.

— Estou sim senhor, meu caro visinho, atalhou o Quim encaminhando-se para elle de braços abertos e com a mais amavel das suas inflexões.

— Esta rapariga parecia que estava a caçoar com a tropa, resmungou o major.

— A culpa não é d'ella, é minha; quando bateram, eu, como estava para sahir, disse-lhe que não estava em casa para ninguem; mas apenas soube que era o meu bom amigo...

— Ah! o senhor ia sahir?

— Ia, ia dar um passeio...

— Bravo! É um homem! disse-lhe o major

apertando-lhe a mão com uma expansão que lhe ia dando cabo dos dedos.

O Quim olhou-o muito admirado.

(Continúa) *G. Lobato.*

## REVISTA POLITICA

Já se queimaram as ultimas alcachofras e com ellas se perderam muitas esperanças illusorias, e ainda em S. Bento, por estes dias e noites de um estio abrazador, os representantes da nação se destillam ao calor das discussões parlamentares, soando em bica, exactamente como os moços de fretos, que n'este momento mudam meia Lisboa de umas casas para outras, com muito mais presteza e menos ruido do que em S. Bento se mudam as leis e as cabeças de comarca.

Pois as mudanças em Lisboa, põem meia cidade em alvoroto, ouvindo-se até alta noite a algasarra gallega dos filhos de Tuy acompanhada dos passos pesados d'estes e dos gemidos dos moveis que se estrangulam entre as cordas que os apertam cruelmente; mas toda esta bulha é nada em presença das sessões do parlamento, quando lhe dá para se insurgir sobre o modo de propor ou sobre a prorogação das sessões até que se vote uma qualquer lei pendente.

Foi assim que a questão do syndicato Salamanca absorveu um bom numero de sessões, até que fosse votado, sem se conseguir outra coisa mais que mudar-lhe o nome em *Tramoia de Leixões*, pelo que se vê que a tal palavra *tramoia* adquirio foros parlamentares, como provavelmente ainda chegarão a adquiril-os palavras muito mais feias.

Este projecto passou na camara dos deputados, mas ainda não foi votado na camara dos pares, onde está provocando grande discussão que promete durar alguns dias.

E em quanto a camara alta se occupa d'este projecto, na camara baixa vão passando pequenos projectos pacificos e simplorios, preterindo outros mais importantes, como o da reforma da armada e da reforma judiciaria, conseguindo-se apenas que fosse approvada de improviso a lei dos cereaes, que esteve por um triz a ficar adiada para as kalendas.

Mas de improviso ou não, lá passou e vêremos se ella effectivamente remedeia alguma cousa, vae beneficiar a agricultura nacional, sem que tenhamos que comer o pão mais caro.

Esta lei resume-se a reservar ao governo o direito exclusivo de importar trigo estrangeiro quando assim fôr conveniente, conveniencia que forçosamente haverá, porque a producção cerealifica do paiz não chega para o consummo.

Uma outra questão, porem, importante, surgiu nos ultimos dias do mez que acabou, e que nos fornece assumpto para concluirmos esta revista com um interesse muito mais palpitante do que a principiámos.

E' a questão do Caminho de ferro de Lourenço Marques, que dá o titulo para os artigos de fundo de todos os jornaes de Portugal e da Inglaterra interessando ainda o resto da imprensa europea e a agencia Havas com os seus telegrammas belicosos, annunciando graves attentados em Lourenço Marques, esquadras inglezas e americanas em movimento, protestos em Londres, e tudo isto por que o governo portuguez decretou a rescisão do contracto de concessão do Caminho de ferro de Lourenço Marques, por a empreza não ter cumprido esse contracto, apesar das prorogações que o mesmo governo lhe concedeu.

A causa de todo esse alvoroto é que, apezar da companhia d'este caminho de ferro ser portugueza e como tal sugeita ás leis do paiz, n'ella estão compromettidos capitaes inglezes e americanos, que os governos d'estas nações e principalmente o inglez, entendeu dever proteger, não sabemos bem com que direito, tratando-se de uma especulação de particulares.

Temos para nós que em tudo isto ha exaggero por parte dos interessados, que lhes convem fazer bulha em defeza dos seus interesses, mas que o governo inglez, não desmentirá a fleugma natural da sua raça e verá a questão imparcialmente, sem se fazer agente de interesses particulares que não souberam ou não quizeram evitar o decreto do governo portuguez.

Com o governo estão n'este momento todos os partidos e todo o paiz, como não podia deixar de ser n'uma questão de dignidade nacional, em que não se fez mais que cumprir a lei, com a justiça e independencia de uma nação livre.

N'esta pendencia, só a arbitragem, como é uso admittir n'estas questões, poderá resolver, sem prejuizo do immediato cumprimento do decreto do governo portugez.

*João Verdades*

## EXPOSIÇÃO UNIVERSAL DE PARIS DE 1889

M. CARLOS ADOLPHO ALPHAND

DIRECTOR GERAL DOS TRABALHOS DA EXPOSIÇÃO

## RESENHA NOTICIOSA

REAL ASSOCIAÇÃO DOS BOMBEIROS VOLUNTARIOS DA AJUDA. — Realisou-se no dia 23 do mez findo a inauguração do edificio da nova esquadra dos Bombeiros Voluntarios da Ajuda, mandada fazer expressamente para este fim, por Sua Alteza o Sr. Infante D. Affonso.

O edificio foi construido n'um terreno junto ao lado sul do palacio da Ajuda, e tem a vastidão necessaria para accommodar todo o material de incendios que esta associação possue, que é importante e dos mais modernos systemas, alem de dois dormitorios com doze camas para os conductores de serviço.

Assistiram a este acto muitos convidados, incluindo o sr. Augusto Ferreira dignissimo inspector dos incendios, o sr. Conceição bem conhecido bombeiro municipal e muitos outros bombeiros tanto da camara como voluntarios, etc.

Todo o pessoal e material da associação formou em parada no pateo da Ajuda e passou depois em continencia á familia real, que d'uma das janellas do paço assistiu a esta ceremonia.

Entre o magnifico material apresentado na parada, figurou a moderna escada de salvação *Magirus*, que sua Alteza o sr. Infante D. Affonso mandou vir do estrangeiro e que offereceu á associação. No proximo numero do OCCIDENTE nos occuparemos mais circumstanciadamente de esta escada, publicando uma gravura da mesma com a respectiva discripção.

Agradecemos o convite com que fomos obsequeados.

A ESCOLA DE DESENHO INDUSTRIAL DE LEIRIA. — Esta escola fundada o anno passado e de que é professor o nosso querido amigo e antigo collaborador artistico do OCCIDENTE sr. João Ribeiro Christino da Silva, está dando magnificos resultados, como prova a frequencia que teve durante o anno e as approvações que os seus alumnos acabam de obter nos exames, feitos o mez passado.

Foram 52 os alumnos approvados sendo 13 premiados, dos quaes, 5 com premios pecuniarios de 5$000 reis e os restantes com premios honorificos.

Para a distribuição dos premios, os alumnos adornaram festivamente a escola e promoveram festejos pelos bons resultados obtidos.

Em signal de reconhecimento ao seu intelligente professor, offereceram-lhe uma bilheteira e salva de prata, que foi entregue por uma commissão em nome de todos os alumnos.

## PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

**Estado de Uma Santa** por Affonso Vargas, Lisboa, Livraria Ferin, 1889. Cincoenta e duas paginas de deliciosa prosa, em que deslisa a vida de um anjo, estudada nas causas que a determinaram, e em que avulta um amor filial que se sacrifica com a mais encantadora abnegação.

O assumpto dava para mais. O auctor, porem, resumiu-o mui sobriamente ás 52 paginas do seu livro, pelo que lhe não queremos mal, porque essas poucas paginas são primorosas.



**Adolpho, Modesto & C.ª**—IMPRESSORES